

Fotos: Roberto Castro



*“Não troco esse lugar por nenhum outro de Brasília”, diz dona Branca, que mora em Ceilândia desde 1972*

## *Início difícil, futuro certo*

A dona de casa Maria Rodrigues de Oliveira, 54 anos, conhecida como dona Branca, define Ceilândia como “minha cidade maravilhosa”.

“No início foi difícil, mas agora não troco esse lugar por nenhum outro em Brasília”, admitiu ela, que chegou na Ceilândia em 1972, um ano após sua criação.

“Nos prometeram o céu e a terra e quando chegamos aqui era só

mato”, lembrou a dona de casa. Durante um mês ela e o marido viveram numa barraca feita de lona. Os três filhos ficaram com amigos.

Quando foi transferida para a QNN-1, onde mora até hoje, dona Branca construiu um barraco de madeira e reuniu a família. Na Ceilândia nasceram mais dois filhos.

Para garantir a posse definitiva do lote, dona Branca se uniu aos Incansáveis Moradores da Ceilân-

dia, que mais tarde se torparia uma associação, da qual é presidente.

“Lutamos e conseguimos a posse de dois mil terrenos”, contou a dona de casa.

A sujeira e insegurança sempre foram os principais problemas da Ceilândia, segundo dona Branca.

“Fomos assaltados só uma vez, quando tínhamos um armazém. mas vemos da janela a violência que invadiu a cidade”, observou.